



110 líderes antecipam 2015

As previsões para a economia e política portuguesa em 2015 | Líderes antecipam fragmentação de votos | Portugal não deverá cumprir metas do défice | 2015 será um ano de desafios mundiais

PRIMEIRA LINHA 4 a 18





Pelo sexto ano consecutivo, o Negócios perguntou aos líderes portugueses como antevêm o novo ano. Para 2015 responderam 110 líderes, integrando vários sectores. Além das respostas a um questionário, a maior parte disse o que espera de 2015.



110 líderes antecipam 2015

[Vejo 2015] com esperança num maior crescimento da economia portuguesa, no aprofundamento do modelo europeu, no desenvolvimento de novos grupos empresariais em Portugal, no reforço das exportações das empresas portuguesas e na definição de uma estratégia de desenvolvimento de Portugal a médio e longo prazo.



ANTÓNIO BERNARDO
Partner da Roland Berger

O maior risco quer para o Mundo, quer para Portugal são as perspectivas desinflationistas (para não dizer deflacionistas...), daí a minha resposta estar relacionada com a evolução dos preços. Sobre 2015, apesar dos riscos deflacionistas globais (que poderão levar, na Zona Euro, à tomada de estímulos monetários não convencionais - 'quantitative easing' - por parte do BCE, na linha do que outros bancos centrais como Fed, Banco do Japão, ou Banco de Inglaterra já fizeram), creio que para Portugal poderá ser o melhor ano dos últimos cinco, com mais crescimento, mais emprego, menos desemprego, contas públicas menos desequilibradas e contas externas excedentárias. E com um desempenho muito positivo das exportações e do investimento, contado para isso com o empenho da AICEP.

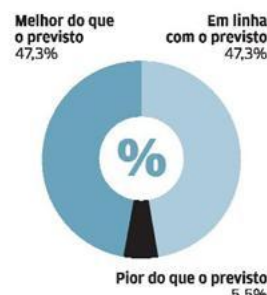


MIGUEL FRASQUILHO
Presidente AICEP

OPTIMISMO PARA A ECONOMIA AMERICANA

EUA melhor ou igual ao previsto

A maior parte de 110 líderes acredita que a economia dos Estados Unidos terá um ano melhor ou igual às previsões. A Comissão Europeia aponta para um crescimento do PIB de 3,1% em 2015.

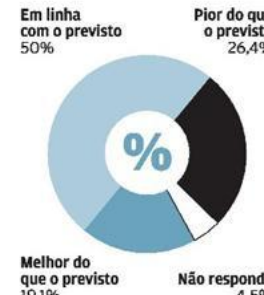


Fonte: Questionário 2015 do Negócios

POUCAS SURPRESAS NA ZONA EURO

Economia em linha com o previsto

Os inquiridos pelo Negócios acreditam que a economia da Zona Euro em 2015 ficará em linha com as previsões. As últimas, da Comissão Europeia, antecipam um crescimento de 1,1% para 2015.



Fonte: Questionário 2015 do Negócios

PORTUGAL NÃO FUGIRÁ ÀS PREVISÕES

Crescimento económico em linha com o previsto

A economia portuguesa terá um desempenho em linha com o previsto. Esta foi a resposta mais comum. O Governo prevê para 2015 um crescimento de 1,5%, mais do que os 1,3% de Bruxelas.



Fonte: Questionário 2015 do Negócios

Será um ano especialmente difícil, devido a um inusitado agravamento do contexto internacional e das tensões geo-políticas. Esperemos que este contexto externo, já de si tão adverso, não seja ainda mais agravado por instabilidade política ou um escalar da recessão em Portugal.



GONÇALO MOURA MARTINS
Presidente executivo da Mota-Engil

O ano de 2015 será marcado politicamente pelas eleições legislativas, aumentando assim o grau de incerteza. As novidades, do ponto de vista económico, serão o elevado nível de liquidez no sistema financeiro internacional, a não inflação e a redução do preço médio do petróleo. Estes três factores aconselham uma gestão da dívida mais activa, e um esforço de captação de investimento privado mais agressivo. Podemos ter surpresas levemente positivas no mercado da construção e mais dificuldades no mercado de exportação extracomunitário onde pontificam países mais dependentes do petróleo.



ANTÓNIO RAMALHO
Presidente da EP/Refer



JOÃO ESPANHA
Advogado,
sócio fundador
da Espanha e Associados

Pior que 2014, vítimas de eleitoralismo.



PAULO JÚLIO
Presidente da Frijobel, ex-presidente da Câmara de Penela e ex-secretário de Estado



Em termos globais, o principal risco é o da instabilidade financeira decorrente dos desajustamentos do preço dos activos financeiros, num contexto de reinação da acomodação monetária nos EUA em virtude de um crescimento acima do esperado daquela economia. A Zona Euro deverá crescer em linha com as previsões, ajudada pela continuação da expansão monetária por acção do BCE e da depreciação do euro em termos efectivos e por uma política orçamental de cariz neutral. Em Portugal, o desempenho da economia deverá ser em linha com o esperado, o que deverá permitir o alcance dos objectivos orçamentais e retirar o país do procedimento dos défices excessivos.



JORGE TOMÉ
Presidente executivo do Banif

Apesar de optimista em relação ao meu sector de turismo em Portugal, preocupa-me muito a instabilidade social que possa surgir nas áreas geográficas e países produtores de petróleo que não encontraram fontes de receita alternativas à produção e ao preço do crude. Esta incapacidade, extensiva a potentados como a Rússia, poderá determinar incumprimentos e consequente instabilidade económica e social não "provisionados" pelo Ocidente, sobretudo pelos principais bancos europeus. Também por isso entraremos em 2015 com uma grande incógnita em relação ao dólar e à 'performance' da economia americana, assente em fontes energéticas alternativas, onde o xisto tem um peso muito particular.



ANTÓNIO TRINDADE
Presidente do grupo Porto Bay



MANUEL CALDEIRA CABRAL
Economista e professor
na Universidade do Minho

2015 será um ano que se espera de transição para Portugal. Transição de Governo, mudança de política (com uma atenuação da austeridade), e também ano de entrada de um novo quadro comunitário de apoio, e que se espera seja o ano da retoma do investimento.

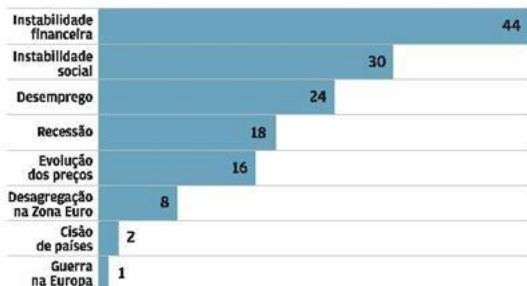
O problema é que este será também um ano de espera e de incerteza sobre como se concretizarão estas mudanças (com maioria absoluta, ou sem), com mais ou menos margem, num contexto europeu que reforce a confiança, ou não. Tudo isto pode acabar por continuar a diminuir a confiança e por adiar uma retoma mais forte do investimento.

Adicionalmente o quadro internacional continua a apresentar incertezas. Tanto ao nível europeu, como global. Um aspecto positivo é a evolução do preço da energia, que será positivo para o crescimento e para a manutenção do equilíbrio externo. No entanto, este facto positivo pode condicionar a evolução dos preços acentuando a tendência de deflação, e pode trazer também riscos à evolução de alguns mercados externos importantes para as exportações portuguesas, e em países onde Portugal tem comunidades importantes como Angola, Brasil e Venezuela.

INSTABILIDADE FINANCEIRA E SOCIAL VÃO CONTINUAR A NÍVEL MUNDIAL

Principais riscos para o Mundo

As principais preocupações para o Mundo não variam face às respostas obtidas nos anos anteriores. Os líderes questionados pelo Negócios acreditam que a instabilidade financeira e a social serão os principais riscos para o Mundo em 2015. Acrescentam às suas preocupações o desemprego. Para 2015 há, no entanto, dois riscos a sobressair: a recessão e a evolução dos preços.

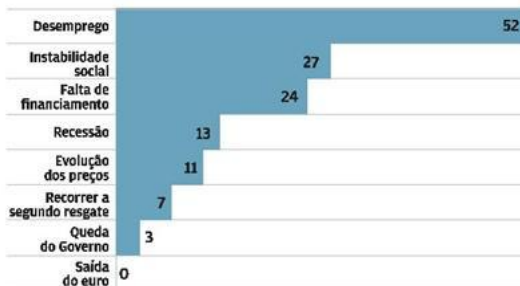


Fonte: Questionário Negócios 2015; Unidade: Número de respostas (houve quem disse mais do que uma resposta)

DESEMPREGO CONTINUA A SER O PRINCIPAL RISCO EM PORTUGAL

Há três anos que o desemprego é considerado o principal risco

O desemprego continua a ser a principal preocupação dos líderes. É o terceiro ano consecutivo em que o número de pessoas sem emprego é referido como o principal risco para Portugal, apesar de o Governo antecipar uma descida da taxa de desemprego de 2015, para 13,4%, abaixo dos 14% de 2014. A falta de financiamento aparece apenas na terceira posição na projecção de riscos.



Fonte: Questionário Negócios 2015; Unidade: Número de respostas (houve quem disse mais do que uma resposta)

Continuação de incerteza que limitará a possibilidades de arranque económico.

Avanços no processo de construção europeia lentos e pouco ambiciosos limitarão a possibilidade de criar novo ânimo.

Em Portugal, a incerteza limitará o investimento e as dúvidas sobre a situação financeira das empresas manterão dificuldades de financiamento para muitas, limitando o seu desempenho.



VÍTOR ESCÁRIA
Professor do ISEG



RAFAEL CAMPOS PEREIRA
Vice-presidente
executivo da AIMMAP

O ano de 2015 continuará a ser marcado, tal como os anteriores, pela instabilidade política, económica e social. Em todo o caso, teremos de começar a encarar esta instabilidade como relativamente estrutural. Não haverá nada de realmente disruptivo.

No plano interno, vejo 2015 como o ano da afirmação da Saúde enquanto motor do desenvolvimento económico e social, o que passará pela consolidação de um amplo consenso nacional sobre algumas apostas estratégicas para o sector. Já no plano internacional, quero crer que assistiremos a dinâmicas de maior integração da União Europeia e da Zona Euro.



JOAQUIM CUNHA
Director executivo do Health Cluster Portugal



2015 tanto pode ser o ano do avolumar dos problemas como o da consolidação das soluções. No plano económico é pouco provável que a taxa de crescimento do PIB mundial atinja o valor de 2013, apesar da "ajuda" do preço do petróleo. As tensões políticas internacionais continuarão provavelmente a adensar-se, particularmente a Leste. Mas a União Europeia talvez se componha se os social-democratas alemães continuarem a ganhar terreno à CDU da Sra. Angela Merkel. Seria a sorte grande para António Costa.



AGOSTINHO PEREIRA DE MIRANDA
Sócio Presidente e fundador
da Miranda Correia
Amendoeira & Associados

A estratégia eleitoral dos partidos no Governo poderá desbaratar o esforço dos últimos anos, e levar mesmo à necessidade de um segundo resgate, atendendo a que os Estados Unidos e a Europa estão a desacelerar em crescimento e as nossas ligações à Ásia são ainda muito fracas.



PEDRO PITA BARROS
Professor na Faculdade de Economia da Universidade Nova



NUNO TELES
Economista

MAIOR INTEGRAÇÃO NA ZONA EURO

Ao nível orçamental e bancário

Já em 2014 se antecipava maior integração orçamental e bancária. Para 2015 a perspectiva merece ainda maior número de respostas. Mas há quem acredite poder haver países a sair do euro.

A Zona Euro vai manter-se mas com mais integração orçamental e bancária 89,1%

Há países que vão sair da zona euro, mas o euro mantém-se 7,3%

A Zona Euro vai colapsar 0,9%

A Zona Euro vai dividir-se em duas 0,9%

não responde 1,8%

Fonte: Questionário Negócios 2015

O ano de 2015 vai ser positivamente marcado nos países importadores de petróleo em geral, e na Zona Euro em particular, pelo impacto da forte redução dos preços do petróleo registada no segundo semestre de 2014 e [na Zona Euro] pela tendência de desvalorização do euro relativamente ao dólar norte-americano, pelo que o crescimento económico no espaço europeu poderá vir a ser superior às expectativas actuais, beneficiando dessa forma a economia portuguesa. No entanto, existem alguns riscos de se manterem tensões nas economias emergentes, designadamente nos países produtores de petróleo, e deverão permanecer os riscos de deflação, o que exigirá a continuação da política expansionista do BCE. Os mercados financeiros devem continuar algo instáveis, alijando-se provável que os investidores privilegiem os mercados desenvolvidos, caso o contexto permaneça desfavorável para os preços das matérias primas.



RAUL MARQUES
Presidente da APAF

Com grande apreensão. Penso que o PS vai ganhar sem maioria absoluta e não será fácil uma coligação.



JORGE ARMINDO
Presidente
da Amorim Turismo

2015 será um ano marcado pela incerteza radical, da deflação na Zona Euro à instabilidade política grega. No entanto, parece ser certo que mesmo nos melhores cenários, em que a queda do preço de petróleo e a recuperação da economia norte-americana podem pesar, a economia europeia estará condenada à estagnação devido à contínua austeridade e a uma arquitectura monetária e financeira disfuncional. Em Portugal, com o seu forte endividamento, estes riscos estão hiperbolizados. Com um sector público e privado manietado na sua capacidade de investimento, o melhor que o país pode almejar é um crescimento medíocre insuficiente para recuperar emprego e rendimentos.

VOTAÇÃO FRAGMENTADA É O QUE SE ANTEVEÊ PARA AS ELEIÇÕES LEGISLATIVAS

Portugal vai a votos em Setembro/Octubro

As eleições legislativas de 2015 não têm um desfecho previsível em Portugal. A maior parte das respostas apontam para uma votação fragmentada, sem qualquer maioria. Mas há igualmente muitas respostas a apontar para uma vitória do PS, sem maioria, o que obrigaria a uma coligação, acreditando-se mais numa ligação à direita (com PSD ou mesmo com CDS) do que à esquerda.



Unidade: Número de respostas (houve quem desse mais do que uma hipótese); Fonte: Negócios

Em Portugal, 2015 será marcado pelas eleições legislativas, que terão sempre uma grande influência na maior ou menor estabilidade dos mercados financeiros, na estabilidade social do País; e, dado que a economia portuguesa é cada vez mais aberta, também a evolução das economias da Europa - em especial e da economia mundial como um todo - serão factores determinantes para o maior ou menor crescimento do PIB português e para a estabilidade das contas públicas. No que concerne à economia mundial, esta será marcada pela evolução do preço do petróleo, a maior ou menor instabilidade dos mercados financeiros e das bolsas internacionais, a relação do euro perante as outras moedas fortes do Mundo e a estabilidade das tensões geopolíticas que marcaram fortemente o ano de 2014. Todos estes factores exógenos serão determinantes para uma boa ou má 'performance' da economia mundial como um todo. Infelizmente, este enquadramento não nos permite estar optimistas relativamente a 2015 quer a nível nacional quer a nível internacional.



RICARDO MIEIRO
Presidente da Ascendum



Sendo ano eleitoral, haverá uma sensação falsa de alguma melhoria económica sendo adiados todos os problemas para 2016!

**NUNO GAROUPA**

Presidente executivo da Fundação Francisco Manuel dos Santos

As perspectivas, para Portugal, não são animadoras, até porque em termos de mercado verifica-se uma divergência cada vez maior entre índices e actividade económica. Poderemos ainda assistir a instabilidade política, a nível europeu, porque poderão ser eleitos partidos políticos que venham a romper com o 'status quo'. Em consequência, poderemos ter conflitos sociais, alimentados também pela falta de criação de emprego. A nível europeu, temos de sublinhar a situação económica em França, que parece assente num barril de pólvora, apesar da pouca atenção que tem sido dada em termos de imprensa. Finalmente podemos estar no início de uma crise monetária desencadeada pela situação do rublo russo, com os consequentes riscos para a economia mundial.

**OCTÁVIO VIANA**
Presidente da ATM

PORTUGAL NÃO VAI CUMPRIR METAS

Défi ce orçamental vai passar os 2,7%

Portugal não deverá cumprir a meta para o défi ce. É o que acredita a maior parte dos líderes. Mas há quem antecipe que Portugal sairá do procedimento de défi ces excessivos como pretende o Governo.



Fonte: Negócios; Número de respostas

Na minha perspectiva 2015 será um bom ano. A economia mundial crescerá bastante mais do que nos últimos anos, em linha com o previsto. No entanto, alguns riscos podem ameaçar esta perspectiva positiva, tais como a disparidade do crescimento económico nas maiores economias do mundo, uma possível recessão económica global, o crescimento da epidemia do ébola em África, e ainda os possíveis conflitos armados, sejam eles no Médio Oriente, na Rússia ou na China.

**BENEDITA MIRANDA**
Country manager da Sitel Portugal

Em termos internacionais, a evolução da economia mundial em 2015 será marcada pelo preço do crude e pela relação de forças geopolíticas entre os EUA e os países produtores do Golfo Pérsico, em especial a Arábia Saudita, na equação segurança dos Estados níveis de produção custos de exploração. O eventual regresso à rentabilidade da indústria de "shale oil & gas" na América do Norte, por aumento do preço do crude, será também um descompressor em países dependentes da exploração convencional do petróleo, como Angola e o Brasil. Em Portugal, assistiremos, em ano de eleições, a uma paragem nas reformas estruturais, já de si débeis, e que são verdadeiramente necessárias à sustentação a longo prazo da nossa economia e sistema social. As empresas portuguesas continuarão muito centradas na exportação; contudo, não poderá haver aumentos sustentados de exportação sem investimento. Na realidade, as exportações portuguesas e o processo de internacionalização das nossas empresas em breve poderão sofrer um dramático retrocesso resultante da combinação de uma situação muito negativa caracterizada por empresas com capitais próprios insuficientes, dívida excessiva, e investimento nulo. O bom investimento (criador de valor) é absolutamente essencial à continuidade das boas prestações que a nossa economia tem demonstrado em termos externos.

**MIGUEL ATHAYDE MARQUES**

Professor na Católica-Lisbon e ex-presidente da Bolsa de Lisboa

Embora 2015 vá ser um ano de alguma aceleração económica nos EUA, isso não acontecerá na Europa, onde existe uma expectativa de crescimento frágil e incerto.

A Europa precisa de continuar a fazer importantes reformas económicas e alicerçar melhor a integração económica para que possa voltar a crescer com robustez, o que não está a acontecer com o ritmo desejável em muitas das economias mais relevantes da região. A evolução económica poderá ser melhor do que o esperado se o preço do petróleo continuar em baixa. No entanto, existe um risco importante para a economia europeia se a economia russa sofrer um colapso significativo devido a este mesmo factor. Em Portugal, penso que iremos continuar a fazer o nosso percurso, com alguma lentidão, devido à dificuldade que temos tido em completar importantes reformas no Estado. Sendo 2015 ano de eleições, algumas das importantes reformas, que ainda necessitamos, irão ser adiadas para a próxima legislatura. Assim, o PIB vai crescer lentamente, abaixo das previsões do Governo, mas em linha com as previsões de muitos dos analistas internacionais, e da própria Católica-Lisbon (NECEP). Como no caso europeu, a baixa do petróleo poderá ajudar na factura energética do país, que é significativa. Será difícil ao Governo cumprir as metas do défi ce para 2015, factor que ditará muito do Orçamento e medidas para 2016, independentemente de quem ganhar as eleições. Do ponto de vista empresarial, Portugal irá continuar o importante processo de desenvolvimento para o mercado internacional, porventura até com alguma aceleração face à trajectória actual, na medida em que o trabalho de abertura de mercados externos começará a dar frutos em mais larga escala. Esta poderá ser a surpresa positiva de 2015 nas contas nacionais. No entanto, existem também importantes factores de risco, entre eles a venda do Novo Banco, que poderá vir a criar novos factores de instabilidade na banca nacional e, consequentemente, na capacidade de financiamento da economia.

**FRANCISCO VELOSO**

Director da Católica-Lisbon e professor Catedrático

PRIMEIRA LINHA **COMO OS LÍDERES VÊEM 2015**

2015 será, como sempre acontece, um ano de grandes desafios e indefinições. Ninguém sabe se a Europa tem, finalmente, condições de sair de um longo período de várias crises e a recente queda do preço do petróleo recorda-nos que nem todas os factos têm relação de causa-efeito previsível. A nova Comissão Europeia merece um voto de confiança e espera-se que tenha verdadeiramente capacidade de liderança na UE. Para Portugal, mais do que previsões, espero que seja um ano em que se assumam políticas de desenvolvimento sustentável, que os cidadãos estejam mais conscientes e sejam mais envolvidos nas orientações políticas que a todos interessam. Temos boa capacidade exportadora, temos de aproveitar os fundos comunitários, tem de se apostar no que é importante e não nas urgências de uma qualquer agenda. Os portugueses devem ter e merecem ter um projecto em que acreditar e que os mobilize.

**ÓSCAR GASPAR**
Economista

A subida da extrema esquerda na Grécia e Espanha, e da extrema direita no Reino Unido e em França, são os maiores riscos externos para Portugal. A sua maneira, cada um destes quatro movimentos políticos rejeita o processo de integração europeia pós-Maastricht e propõe políticas que exploram a animosidade para com "a Europa" e que são incompatíveis com os princípios fundamentais da União Europeia. Portugal, desde a sua actual dependência financeira à sua permanente falta de dimensão, depende imenso da Europa para o seu bem-estar e vai ser afectado pela instabilidade. Internamente, a grande questão é o que vai acontecer ao crescimento económico. Vamos crescer ao mesmo ritmo da Europa ou vamos finalmente começar a recuperar o terreno que perdemos nos últimos 15 anos? Do progresso económico depende não só o pagamento da dívida mas, no limite, a nossa sobrevivência como nação. Depois da crise imposta pela crise da dívida soberana, Portugal conseguiu endireitar as suas contas e fazer algumas reformas fundamentais nos últimos anos. Por outro lado, ficou muito por fazer, e a consolidação orçamental pode não resistir às eleições e ao novo governo. Como vai reagir a economia privada é a grande incógnita crucial para o nosso futuro.

**RICARDO REIS**
Professor de economia na Universidade de Columbia

O ano de 2015 vai ser marcado pela continuada recuperação da economia americana e alguma desaceleração nas economias em desenvolvimento merecendo a quebra dos preços das 'commodities', em particular do petróleo. A Europa vai ser crescentemente pressionada a rever as suas políticas energéticas sob pena de ficar cada vez mais atrasada na recuperação da sua competitividade na economia global.

**FRANQUELIM ALVES**
Economista e ex-gestor do Compete**EXPORTAÇÕES ESTÃO NO TOPO DAS PRIORIDADES DAS EMPRESAS PARA 2015**

Vender mais internamente e aumentar margens surgem como segundas grandes metas

Aumentar as vendas para o exterior é a prioridade para a empresa ou instituição dos inquiridos em 2015. Desde 2010 que exportar mais tem sido referida como prioridade. O Governo antecipou, no Orçamento do Estado, um aumento das exportações em 4,7% para 2015. No questionário deste ano, vender mais internamente mereceu o mesmo número de respostas que o objectivo de aumentar margens.



Fonte: Questionário Negócios 2015; Unidade: Número de respostas (há respostas múltiplas)

[Vejo 2015] com esperança e confiança na capacidades dos portugueses serem capazes de ultrapassar as dificuldades presentes. Com isso, o sector segurador e dos fundos de pensões terá condições para iniciar a recuperação e consolidação como pilar do sistema financeiro nacional.

**JOSÉ FIGUEIREDO ALMAÇA**
Presidente do ISP

Com esperança, desde que das eleições de 2015 possa sair um governo maioritário e estável (de bloco central?).

**ROGÉRIO FERNANDES FERREIRA**
Advogado e sócio fundador da Rogério Fernandes Ferreira

110 líderes antecipam 2015

Há, no horizonte de 2015, uma nota de esperança, por ser ano de eleições, que podem gerar o ensejo de uma viragem na política hiperdepressiva e esterilizante que tem sido imposta ao país, a partir de dentro (por um governo hoje largamente "minoritário") e de fora, nomeadamente por uma Comissão Europeia irreconhecível e de costas voltadas para os Tratados.

**ANTÓNIO MONTEIRO FERNANDES**
Professor de Direito do Trabalho do ISCTE e Lusíada do Porto



PAULA CARVALHO

Economista-chefe do Banco BPI

Espera-se que 2015 seja um ano de crescimento ligeiramente mais elevado e regresso da taxa de inflação a valores mais altos nos países desenvolvidos. Nas economias emergentes, poderá pautar-se mais uma vez por crescimento inferior à média histórica, atendendo à perspectiva de manutenção em baixa dos preços das 'commodities' e possível instabilidade no mercado financeiro graças à proximidade da alteração do ciclo de taxas nos EUA. Se acontecer, afectará sobretudo as economias mais dependentes de capitais externos. A 'performance' final será sobretudo condicionada por factores políticos - eventualmente a situação na Grécia e (sobretudo) as tensões entre a Rússia/Ucrânia e Ocidente (com grandes implicações para o crescimento na Europa) -, e os bancos centrais desempenharão mais uma vez um papel fundamental, sendo actores principais. Na região do euro, a primeira metade do ano será marcada pela discussão em torno do avanço ou não da compra de dívida soberana enquanto nos EUA o discurso da Reserva Federal e a concretização (ou não) da subida de taxas marcará o comportamento dos principais mercados financeiros.

O ano de 2015 vai ser um ano difícil e muito imprevisível. Temos o problema da baixa do preço do petróleo, que tem implicações importantes em Portugal. Por um lado, melhora a balança de pagamentos e o custo de combustíveis, mas por outro põe em perigo os negócios e os investimentos em Angola sobretudo para construtoras, e em consequência mais dificuldades financeiras. Também não podemos esquecer uma certa instabilidade na Europa com os regionalismos e alguns Estados-Membros com ameaças de saída da Zona Euro. Para agravar este cenário temos a crise da Rússia, e a latente ameaça de guerra com a Ucrânia. Será 2015 um ano, talvez como nunca, ameaçado com vários cenários que podem alterar todos os orçamentos feitos pelas empresas e mesmo pelos governos. A própria China apresenta já algumas debilidades com riscos de enfrentar uma crise de 'subprime'. Há que ser prudente e continuar a investir em novos mercados, abrir horizontes na América Latina, México, Colômbia, Peru, e agora Cuba, nos países asiáticos, na Índia e continuar a procurar oportunidades na África lusófona e não só. Os mercados europeus e da América do Norte estão esgotados. Perante este cenário, crescimento para Portugal abaixo de 1% e dificuldades acrescidas no crédito às empresas.



EDUARDO RANGEL

Presidente do Grupo Rangel

REORGANIZAÇÃO DE PROCESSOS É QUE VAI PERMITIR AUMENTAR PRODUTIVIDADE

Investimento em formação em liderança e gestão surge na segunda posição

Reorganizar processos e procedimentos tem sido a medida referida como mais importante para aumentar a produtividade da empresa/entidade. No questionário para 2015 essa foi também a resposta mais referida. No entanto, para este ano há uma novidade. Surge com muitas respostas a intenção de investimento em formação em liderança e gestão para aumentar a produtividade.

Reorganizar os procedimentos e processos	52
Não se aplica/ Não responde	28
Investir em formação em liderança e gestão	20
Investir em tecnologia	19
Substituir pessoal para aumentar qualificações	4
Flexibilizar o horário de trabalho	3
Reduzir pessoal	0
Aumentar o horário de trabalho	0

Fonte: Questionário Negócios 2015; Unidade: Número de respostas (há respostas múltiplas)

Dois espectros pairarão sobre a Europa em 2015: a deflação e as eleições em vários países periféricos. A ameaça deflacionária indica-nos como a crise, apesar da recuperação tépida, não foi superada. Em especial para os países fortemente endividados, a deflação é geradora de todos os círculos viciosos. Neste contexto, os povos poderão apoiar soluções políticas que ponham em causa o regime "austeritário" europeu. A confrontação entre a democracia e os mercados financeiros promete marcar o próximo ano, a começar pela Grécia. Se é verdade que não há como a aproximação de eleições para atenuar os piores aspectos da austeridade, também é verdade que a soberania democrática foi em larga medida esvaziada e a sua recuperação pelos povos europeus promete colocar no primeiro plano a política. Esta nunca pode ser separada da economia, como veremos em 2015.



JOÃO RODRIGUES

Economista e investigador do Centro de Estudos Sociais

O ano de 2015 arranca com um aumento da incerteza e escassos motivos para optimismo, em virtude do crescimento das tensões regionais, financeiras e sociais já existentes, dada a incapacidade de resolução demonstrada nos anos mais recentes. Essas tensões serão alimentadas pela ausência de crescimento e níveis de desemprego elevados, pelo risco de deflação, pela instabilidade financeira e dos mercados e, agora, também pela evolução do preço do petróleo. Ora, este quadro poderá facilmente conduzir a novas crises regionais e de financiamento e criar tensões proteccionistas nos mercados. Os motivos de preocupação para Portugal são similares, agravados pela complacência orçamental e financeira que o período eleitoral alargado pode provocar, pelas dificuldades de mercados relevantes para o nosso comércio externo, como o europeu e o angolano, e pela incapacidade de reformar o Estado e liberalizar a economia, como o demonstra o veto de gaveta, já plurianual, à implementação da Lei das Associações Públicas Profissionais (tema claramente equivalente, mas mais grave, ao que suscita a crise do modelo de negócio dos táxis). Ao nível fiscal, será o ano do debate sobre a consolidação das relevantes reformas fiscais recentemente concluídas, IRC e IRS, e, em menor grau, da tributação ambiental. A benefício da credibilidade internacional e da competitividade externa, será fundamental que essa consolidação aconteça efectivamente. Mas a necessidade de receita levará ao continuado crescimento, sem comparação, dos tributos menores, das contribuições e das taxas. Simultaneamente, 2015 será igualmente o ano do arranque do debate sobre a reforma da tributação do imobiliário e das receitas municipais. E, claro, se os sinais negativos se adensarem, será ainda o ano do debate sobre o imposto cujo incremento possa ser menos pernicioso para a economia e mais eficaz para o aumento da receita. E, em caso de necessidade orçamental, claramente o IVA será o candidato mais evidente. Significa isto que na ausência de um grande e imprescindível rigor na despesa pública, poderemos acabar o ano com menos taxas de IVA ou com taxas nominais superiores às do início do ano.



JAIME ESTEVES

Sócio da PriceWaterhouseCoopers

A economia tem já dado sinais de recuperação, ainda que ténues - com projecções de crescimento de 0,9%, 1,5% e 1,7%, respectivamente, em 2014, 2015 e 2016, pelo que, com o regresso dos financiamentos concedidos às empresas, antecipo um crescimento designadamente nas áreas de fusões e aquisições, projectos, financiamentos e actividade de 'corporate' em geral.



NUNO PENA

Advogado sócio da CMS Rui Pena & Arnaut



2015 será seguramente mobilizador e intenso.

O maior desafio para Portugal é o de conseguir atingir maior crescimento económico sem agravamento das contas públicas e com uma diminuição do grau de endividamento das empresas privadas. Para tal, existe uma expectativa de se desenharem políticas claras para o capital de risco e para o mercado de capitais.

Os sinais até agora transmitidos na transposição da AIFMD não são animadores, ao envolverem um 'goldplating' significativo. 2015 será ainda um ano de reflexão profunda sobre 'corporate governance', à luz dos eventos que marcaram negativamente o ano que finda. Em cima da mesa está a esperada preparação de um Código de governo unificado. Espera-se ainda que paralelamente haja oportunidade para repensar o regime das transacções entre partes relacionadas, a merecer uma reponderação séria.

Em termos globais, destacam-se três marcos a assinalar no próximo ano [2015]: as repercussões da descida do preço do petróleo, o desenvolvimento da União Bancária Europeia e o caminho sinodal que nos é proposto pelo Papa Francisco ao longo de 2015.

Assistimos neste momento aos efeitos contraditórios de uma melhoria de perspectivas económicas e um agravamento das condições geopolíticas e de instabilidade social. Temos pelo menos três factores de fortíssimos riscos, que não acredito que se possam concretizar, mas que irão condicionar a vida e as soluções dos próximos meses: (1) a situação no leste da Europa, que se irá provavelmente cristalizar numa nova Guerra Fria; (2) a emergência de forças anti-euro e anti-Europa nos países "core"; e (3) a instabilidade política nos países da periferia. Sendo sem dúvida um mundo perigoso, não será certamente o fim do mundo e 2015 pode muito bem vir a ser um bom ano.

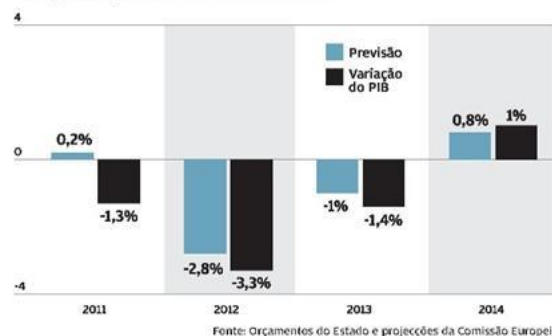


JOSÉ VEIGA SARMENTO
Presidente da APFIPP

PORTUGAL TEVE UM DESEMPENHO MELHOR DO QUE O PREVISTO HÁ UM ANO

Líderes não acertaram

No questionário que antecipava 2014, os líderes contactados pelo Negócios acreditavam que Portugal iria ter um desempenho económico em linha com o previsto. Mas 34% ainda acreditava que a evolução até seria melhor. Esses acertaram. Nessa altura antecipava-se um crescimento para o PIB de 0,8%. As últimas previsões apontam para uma subida de 1% em 2014.



A política seguida até agora já demonstrou que não só não resolve, como agrava, os problemas do país e as condições de vida e de trabalho da generalidade da população. A grave situação do país não será ultrapassada com mudanças pontuais, ou com a manutenção dos principais instrumentos que aprisionam o desenvolvimento soberano. A alternativa que o país precisa e os trabalhadores exigem passa pela renegociação da dívida, pelo fim do Tratado Orçamental, pela promoção do emprego de qualidade, pelo aumento geral dos salários e do SMN [salário mínimo nacional], pela defesa e dinamização da contratação colectiva, bem como pela melhoria e reforço das funções sociais do Estado e dos Serviços Públicos e pela implementação de uma política fiscal ao serviço do país, que incida sobre os rendimentos do capital, desonerando os do trabalho.



PAULO CÂMARA
Advogado, managing partner da Sérvulo



ARMÉNIO CARLOS
Secretário-geral da CGTP

2015 terá de ser ano em que a economia assumirá definitivamente o seu papel central e ocupará o espaço que, até agora, foi quase exclusivamente tomado por matérias como questões políticas, défice ou programa de ajustamento. O País precisa de crescimento económico sustentado e, sobretudo, de inverter o défice de investimento que nos coloca numa posição muito desfavorável em termos internacionais e deteriora a nossa competitividade. O investimento em construção representa mais de metade do investimento total na generalidade das economias, pelo que o sector da construção e do imobiliário deverá, em 2015, consolidar o processo de estabilização da actividade que está em curso e voltar a liderar o processo de crescimento e geração de emprego. Os recursos ainda disponíveis no actual QREN, o novo Portugal 2020, o Plano de Investimento para a Europa, habitualmente denominado por Plano Juncker, a captação de investimento estrangeiro, de que são exemplos o Programa de Vistos Gold e o Regime de Residentes Não Habituais, a dinamização da Reabilitação Urbana, são alguns dos vectores de crescimento que permitem encarar o próximo ano com a convicção de que estão reunidas as condições para um novo ciclo económico.

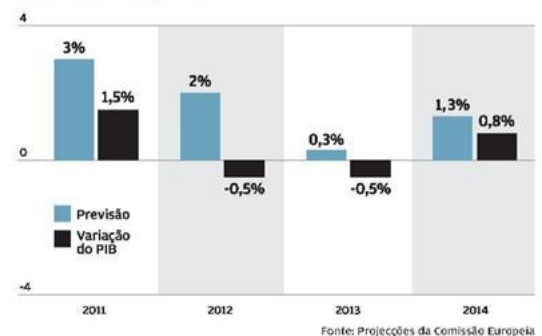


MANUEL REIS CAMPOS
Presidente da AICCOPN

ZONA EURO COMPORTOU-SE PIOR DO QUE O INICIALMENTE ANTECIPADO

Uma minoria antecipou que o desempenho seria pior que as previsões.

Há um ano as projecções da Comissão Europeia apontavam para um crescimento económico na zona euro de 1,3%. Mas as últimas projecções já só falam de um crescimento de 0,8%, pior do que o antecipado. Há um ano apenas 17% dos inquiridos diziam que o desempenho seria pior. A maioria acreditava que seria em linha com as previsões.



2015 será um ano de revisão da matéria dada, mas é necessário perceber que o crescimento do PIB português pode ser alavancado não apenas pelas exportações. As perspectivas serão tão mais positivas, quanto mais se olhar às várias componentes do PIB.

Com preocupação acrescida face ao ciclo político e ao vírus eleitoralista que contagia todos os partidos, num momento particularmente exigente para o País.



ARLINDO COSTA LEITE
Presidente da Vicaima



JOÃO VIEIRA DE ALMEIDA
Advogado e sócio da VdA

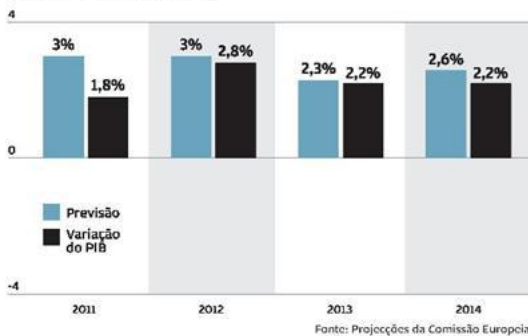


110 líderes antecipam 2015

AFINAL AS PREVISÕES PARA ESTADOS UNIDOS FALHARAM

Face à previsão feita há um ano, o desempenho norte-americano foi pior

Há um ano as projecções europeias para a economia norte-americana antecipavam um crescimento de 2,6%. Agora acredita-se numa evolução de 2,2%, pior do que a antecipada. Já os líderes contactados há um ano pelo Negócios acreditavam que o desempenho económico dos Estados Unidos da América iria ser em linha com o projectado.



2015 será novamente um ano difícil. A economia europeia permanece estagnada e dispersa sem um objectivo e estratégia comuns. Portugal deve crescer mas será um crescimento pálido comparado com o que necessitamos. As eleições legislativas podem determinar um novo ciclo político e uma nova estratégia política. Portugal permanece uma pequena economia aberta e depende muito do que irá acontecer nas economias europeias, mas também noutras economias de países terceiros com muita relevância para nós.



MANUEL SANTOS VÍTOR
Advogado, managing partner da PLMJ

Estou relativamente optimista em relação a 2015. A recuperação económica em Portugal e na UE será ligeira mas constante, em resultado, por um lado, do equilíbrio orçamental já alcançado e, por outro, do crescimento da procura, da adopção de políticas mais expansionistas por parte dos Estados-membros (incluindo o nosso país) e da descida global do preço do petróleo, que funciona como um estímulo fiscal nos países industrializados. Contudo, como as taxas do crescimento económico se afiguram modestas, não prevejo uma evolução significativa das condições do mercado de trabalho. Acresce que a taxa de inflação deverá continuar a ser baixa na Europa, apesar da tendência para a recuperação da procura. A evolução dos preços dependerá muito da maior ou menor intervenção do BCE.



JOÃO RAFAEL KOEHLER
Presidente da Associação Nacional de Jovens Empresários (ANJE)

Espero que 2015 dê dois tipos de sinais muito claros: 1) que o tecido empresarial português caminhe no sentido de ultrapassar uma das maiores, senão mesmo a sua maior debilidade estrutural, que é o excessivo endividamento; 2) que o mercado de capitais demonstre a enorme capacidade de digerir e recuperar de situações muito difíceis e, ao fazê-lo, continuar a ser um espaço fundamental para o País e, em particular para emitentes e investidores. A conjugação destes dois tipos de sinais e a dimensão dos mesmos, podem ser contributos de grande relevância para a nossa economia e, consequentemente, para todos os cidadãos.



LUÍS LAGINHA DE SOUSA
Presidente da Euronext Lisbon

Em 2015 as exportações trarão progresso e a campanha eleitoral vai-se encarregar de nos alimentar ilusões. As primeiras semanas da nova legislatura irão recuperar-nos para a realidade.



MANUEL PINHEIRO
Presidente da Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes

Em 2015 as economias dos países mais desenvolvidos crescerão mais e as dos países em vias de desenvolvimento menos do que no passado recente. O consumo disparará mas o investimento recuará. A economia portuguesa receberá estímulos externos e internos e acabará por comportar-se um pouco melhor do que previsto. Os mercados financeiros permanecerão tão ou mais voláteis do que no final de 2014. A Rússia acalmará os seus impetus de expansão territorial e ultrapassará a presente crise. O mundo será surpreendido com as perturbações na China, à medida que a correcção dos desequilíbrios acumulados nos últimos anos se for aprofundando.



ANTÓNIO CASTRO HENRIQUES
Presidente executivo da Soares da Costa

O desemprego real vai aumentar, a procura interna vai decrescer, as exportações não vão aumentar, a taxa de pobreza vai crescer. No que diz respeito às pensões: até que 65% dos pensionistas portugueses continuem com pensões inferiores ao salário mínimo nacional, é impossível viver com dignidade e muito difícil sobreviver. Com a transferência para as IPSS de algumas prestações pecuniárias, corre-se o risco, a curto prazo, do desmantelamento da Segurança Social Pública.



MARIA DO ROSÁRIO GAMA
Presidente da APRE



A economia nacional irá continuar com um crescimento bastante ténue, próximo de 1%. Com este valor, será possível manter uma taxa de desemprego próxima dos 13%, caso continue o aquecimento das políticas activas de emprego em ocupar desempregados, perspectivando-se ainda que se mantenha a pressão emigratória, sobretudo para o centro europeu. O País manter-se-á em expectativa, já que será um ano eleitoral, congelando esta situação muitas intenções de investimento e muitas energias mais dinâmicas. Tudo indica que será um ano de mudanças, aqui e na Europa, no que se refere às abordagens da política económica.

No que diz respeito ao sector imobiliário, espero que o mesmo mantenha o registo de retoma que tem verificado até agora, continuando a ter capacidade para captar investidores estrangeiros, e com novas dinâmicas no mercado interno, que se deverão apoiar muito na aposta na reabilitação urbana, por esta via, no turismo residencial. Genericamente estou optimista com o ano que aí vem [2015], mas creio que devemos ter alguma cautela e evitar possíveis euforias. Espero também que não ocorram mais casos mediáticos semelhantes aos que assistimos no último semestre de 2014, pois estes acabam por ter uma influência negativa em diversos sectores que são alhos a estes acontecimentos.



FRANCISCO MADELINO
Professor no ISCTE e ex-presidente do IEFP

110 líderes antecipam 2015

Ao nível internacional manter-se-á a instabilidade nos mercados financeiros, com os bancos centrais a tentarem conter as pressões deflacionistas e as flutuações de taxas de câmbio em várias regiões (Europa, Japão, etc.). Esta volatilidade poderá ser agravada pelo recente colapso no preço de algumas matérias-primas, nomeadamente na vertente energética. Na Europa manter-se-á o risco de recessão, dado que os problemas estruturais da Zona Euro continuam por resolver. Tudo isto se reflectirá na já frágil economia nacional, onde acrescem os condicionamentos decorrentes da actual política de austeridade fiscal e os elevados níveis de endividamento das empresas e famílias. As exportações poderão ressentir-se da conjuntura externa desfavorável, mantendo-se as restrições ao crédito, sobretudo para as PME's.



LUÍS PAULO SALVADO
Presidente executivo da Novabase



LUÍS LIMA
Presidente da APEMIP



ANTÓNIO VIEIRA MONTEIRO
Presidente executivo do Santander Totta

Em Portugal, 2015 deve ser um ano de consolidação da retoma da economia nacional, com um crescimento previsto do PIB de 1,3% nesse ano, face aos 0,8% estimados para 2014. Poderá observar-se uma melhoria quer do consumo privado, quer do investimento. A taxa de desemprego poderá cair abaixo de 13% em 2015, embora permanecendo em níveis historicamente elevados. As exportações poderão beneficiar do dinamismo previsto para Espanha e Alemanha. A execução orçamental exigirá uma monitorização permanente, de forma a cumprir a meta de 2,7% do PIB para o défice público. A descida do preço do petróleo, se sustentada, poderá revelar-se um risco positivo para Portugal e para a economia mundial.



MÁRIO FERREIRA
Presidente da Dourou Azul

Vejo 2015 com bons olhos e boas perspectivas uma vez que a baixa do preço do petróleo irá resultar numa baixa dos preços das importações o que irá possibilitar uma redução nos custos de operação das empresas e, com isso, uma melhoria nas perspectivas e resultados económicos.

Como presidente da CTP e como cidadão espero que 2015 seja finalmente um ano de crescimento económico, mas para que isso aconteça, o país terá de continuar o processo de consolidação orçamental e as reformas estruturais. Do ponto de vista do turismo, e se o ano de 2013 foi dedicado ao IRC e o de 2014 ao IRS, aquilo que se espera é que o de 2015 seja dedicado ao IVA. A economia nacional precisa de um sector do turismo forte e competitivo para poder continuar a gerar riqueza e a criar postos de trabalho.



FRANCISCO CALHEIROS
Presidente da CTP



FORTUNATO FREDERICO
Presidente da APICCAPS
(Associação Portuguesa dos Industriais de Calçado, Componentes, Artigos de Pele e seus Sucedâneos)

Prevejo um abrandamento da economia americana, com a consequente correcção do mercado de capitais e alguma instabilidade financeira. Na Europa, as medidas de estímulo à economia, lideradas pelo banco central, irão começar a dar frutos e as economias europeias crescerão acima do previsto. Em Portugal, por ser ano de eleições que se prevêem disputadas, haverá um abrandamento do investimento em consequência da incerteza. No entanto, a reestruturação levada a cabo nos últimos anos por parte do tecido empresarial, aliada a uma maior disponibilidade de crédito às boas empresas, irá gerar resultados acima do esperado. Uma reestruturação da dívida pública, embora suave e amigável, parece-me inevitável a médio prazo.



JOSÉ LUÍS PINTO BASTO
CEO do The Edge Group



2015 será um ano atípico, com o risco de haver um abrandamento do esforço pedido até agora para promover a recuperação da nossa economia. Estaremos condicionados por discursos e políticas em ambiente pré-eleitoral, o que pode induzir uma sensação (falsa) de que os esforços efectuados foram suficientes. Este facto pode promover uma maior contestação no sentido de haver uma reposição de direitos perdidos, e também uma recuperação da confiança (excessiva), que pode ser perigosa para as famílias e para a consolidação do processo de recuperação económica.



JOÃO MIRANDA
Presidente da Frulact

Vai ser um ano de consolidação e de regresso ao crescimento. A economia deverá voltar ao crescimento resultante de uma aceleração internacionalização e de um ligeiro aumento do consumo interno resultante de uma melhoria no desemprego e da estabilização/descida dos preços. Depois de mais de cinco anos de contenção, as empresas irão voltar progressivamente a investir para suportar novos ciclos de expansão e modernização. Em resumo, perspectiva positiva moderada para 2015.



JOÃO COUTO
Presidente da Microsoft Portugal

A crise mundial está para ficar. A instabilidade económica e política são ameaças ao progresso. O preço do petróleo pode desencadear reacções inesperadas de alguns países produtores mais dependentes de preços altos. A recuperação na Europa continua a ser uma miragem. Portugal vai conseguir os objectivos do défice com custos políticos altos. A economia terá alguma recuperação pelo lado do consumo, mas as exportações para países terceiros, tal como Angola, BRIC, etc., não terão bom desempenho.



ANTÓNIO SOARES FRANCO
Presidente da José Maria da Fonseca - Vinhos

Não é fácil fazer previsões para 2015, especialmente em Portugal, devido ao ciclo eleitoral. 2015 será um ano difícil na Europa, apesar de uma recuperação nos EUA e da manutenção do baixo custo do petróleo. Em Portugal, a aproximação das eleições criará mais instabilidade política e social, que dificultará a recuperação da economia. No entanto, acredito que a economia mostrará alguma resiliência, permitindo melhorar os principais indicadores macro económicos, mais por via do aumento das receitas fiscais e menos por redução da despesa pública.



CARLOS LOUREIRO
Sócio da Deloitte

Tenho grandes dúvidas em relação ao rumo político e económico do nosso país. Acho a "filosofia" neoliberal uma abominação. Por isso, estou pessimista em relação ao ano 2015.



RICHARD ZIMMERLER
Escritor

Ano eleitoral com tentações eleitoralistas. Medidas do Governo e promessas da oposição. Difícil constituição de uma maioria estável. Hipótese de novas eleições dentro de um tempo relativamente curto. Crescimento anémico da economia. Pequeno crescimento do investimento mas insuficiente. Exportações a desacelerarem devido à quase estagnação europeia. Excessiva lentidão na chegada à economia dos fundos europeus e grande interrogação sobre se a sua aplicação será a mais adequada. Desemprego real alto e alguma degradação das condições sociais. Precisávamos de outra visão na Europa e ela tarda em aparecer.



JOÃO VIEIRA LOPES
Presidente da CCP

110 líderes antecipam 2015

Ano muito duro, mas com melhores perspectivas conjunturais devido a algum crescimento interno e necessidade urgente de introdução de medidas de estímulo à economia global da Zona Euro. O crescimento progressivo do nosso nível de exportação de bens transaccionáveis e principalmente a entrada forte de estímulos da UE terão um efeito de alavancagem da nossa economia. O aumento do rendimento disponível das famílias, devido ao período eleitoral que vamos atravessar, também irão ajudar muito nesse processo.



PEDRO REBELO DE SOUSA
Advogado e sócio da SRS Advogados

Não pode haver progresso e crescimento com tanta desconfiança nas instituições. Vivemos em 2014, demasiados "casos" que comprometem e comprometeram o Portugal dos próximos anos. A instabilidade do sector financeiro (caso BES) e a progressiva descrença na classe política (caso Sócrates e a desconfiança que se vai lançando a outros políticos) não permitirão uma verdadeira mudança para o crescimento. Será antes, um ano de "ressaca" e de clarificação. Em que e em quem podemos acreditar?



JOSÉ BARREIRO
Director do Primavera Sound

Considero que será mais uma vez um ano difícil pois o Governo não soube cortar no aparelho estatal. Os privados continuarão a suportar uma administração pesada, obsoleta e habituada a ser servida em vez de servir, como deve ser o seu papel. O Estado terá de apostar nas PME, financiando-as a juros baixos pois são estas que puxam a economia para cima. As grandes empresas, com as suas promíscuas ligações com a política e os governos, fazem mais parte do problema do que da solução. Menos Estado, melhor. O Estado deverá ser o objectivo que não deve ser denegrido por empresas menos sérias que pretendem reter lucros e passar ao Estado os prejuízos.



JOÃO DE QUINHONES LEVY
Presidente da Eco Serviços



Ano ainda muito difícil com recessão/desafiação na Europa, EUA a perder poder de interferir no Médio Oriente, mas a continuar a sua estratégia de redução de dependência do petróleo do Médio Oriente, fazendo cair ainda mais o preço do crude. A Rússia/Tutin a continuar a fazer o seu novo bloco da EEC (Eastern European Community) com alguns dos países da antiga União Soviética e a fazer bloco político e económico com a China a título de fornecimento de petróleo e gás em detrimento de fornecimentos de África.



ILÍDIO SERÓDIO
Presidente da Profabril

2015 será um ano de transição, pois temos eleições no último trimestre. Até lá, o Governo procurará evitar dificuldades e os agentes económicos estarão na expectativa do que resultará das eleições.



VASCO TEIXEIRA
Administrador da Porto Editora



JOÃO CAIADO GUERREIRO
Advogado, sócio da Caiado Guerreiro

Creio que 2015 vai ser um ano melhor para Portugal. A baixa do petróleo vai reduzir francamente as importações e dar alguma folga ao país. O investimento estrangeiro e o emprego vão continuar a aumentar. Porém, vivemos um período de taxas de juro muito baixas. Ou fazemos finalmente as reformas estruturais e reduzimos a dimensão do Estado, decidindo onde este é preciso estar, onde não precisa estar e onde deve estar em concorrência com o sector privado. Ou, mais tarde ou mais cedo, vamos acabar por ter um segundo resgate. Ou, pior, não temos resgate nenhum.

2015 pode ser um ano determinante do ponto de vista de uma mudança de paradigma na condução dos destinos da Europa. O aparecimento de novas forças políticas e movimentos, quer à direita quer à esquerda, é revelador de uma insatisfação generalizada do actual modelo económico e político, que se ilumina e sustenta (já quase à luz das velas) em premissas e princípios insustentáveis. A pergunta que urge fazer é: serão estes movimentos capazes de produzir ideias e planos que tornem viáveis e efectivos os desejos de uma Zona Euro mais equilibrada, mais harmoniosa e com menos instabilidade social? Haverá ainda alguém sério, capaz, incorruptível e com visão, para a partir das enormes assimetrias económicas e das diferentes idiosincrasias culturais, dar um rumo digno a uma Europa que defina a olhos vistos? Tenho muitas dúvidas...



JOÃO REIS
Actor

Um ano em que as empresas e especial as PME tomarão a decisão de contratar pessoas qualificadas para ultrapassar os desafios que o mundo global coloca actualmente. Em ano de eleições, é de esperar maior agitação social que colocará em risco os aumentos de produtividade, assim como a pressão sobre a Justiça poderá aumentar o risco de reputação de Portugal.



NÉLSON SANTOS DE BRITO
CEO da Universidade Europeia

As perspectivas são de crescimento económico, reforço da capacidade exportadora, retoma do consumo interno, reforço da poupança, maior disponibilidade do sistema financeiro em financiar bons riscos a preços aceitáveis. Acrescem os impactos positivos pela redução dos custos com os combustíveis. As ameaças resultam da forte possibilidade de não se conseguir cumprir com as metas do défice orçamental e, em consequência, termos mais impostos e taxas sobre as famílias e sobre as empresas com retração do investimento e com efeitos sobre o emprego. Temos o quadro da dívida excessiva do Estado e das empresas, da avaliação dos impactos sobre a economia resultantes da destruição de capacidade instalada como consequência do excesso de dívida, da baixa produtividade e da falta de capitais próprios das empresas. Acresce, ainda, a enorme dificuldade da classe política com responsabilidades governativas em reformar o Estado, tornando-o mais eficiente, produtivo e com menores custos libertando meios financeiros para as famílias e empresas.



LUÍS MIGUEL SOUSA
Presidente do Grupo Sousa SGPS

Um péssimo OE [Orçamento] a ser gerido em ano de eleições. Perspectiva de aumento do descontentamento generalizado, desmotivação, esmorecimento da participação cívica. Aumento significativo da abstenção e de votos em partidos recém-formados sem projecto nem sustentabilidade. Ainda mais penalização sobre o trabalho e produtividade através de mais impostos ou cortes nas já poucas regalias sociais. Disparidade nas consequências jurídicas aplicadas aos responsáveis pelo colapso, em Portugal, de parte do sistema bancário.



PEDRO ABRUNHOSA
Cantor e compositor

**DANIEL PROENÇA DE CARVALHO**Advogado e sócio da Uría
Menéndez - Proença de Carvalho

Os maiores riscos estão nos conflitos em vários pontos, designadamente no Médio Oriente e na Ucrânia. E também na instabilidade política nos países do Sul da Europa, em especial na Grécia, países onde a qualidade da democracia e a governabilidade apresenta sinais preocupantes.

Mais um ano a penar no deserto do investimento e crescimento, mas temos de acreditar na pertinácia.

**JOSÉ LARANJA PONTES**

Presidente do IPO Porto (Instituto Português de Oncologia do Porto)

A nível mundial haverá uma desaceleração do crescimento económico, com muitos países produtores de petróleo a experimentarem sérias dificuldades, prevendo-se cortes substanciais nos programas de investimento na área da energia. A Europa poderá beneficiar temporariamente da redução do preço do petróleo, mas poderá enfrentar maiores dificuldades em conciliar as suas ambiciosas metas na área da redução de emissões e de eficiência energética, com a melhoria da competitividade do seu aparelho industrial. O crescimento, com excepção do Reino Unido, poderá ser anémico. Portugal, em ano de eleições e, portanto, de promessas fáceis, terá dificuldade em manter a disciplina orçamental e encetar quaisquer reformas estruturais significativas, esperando que as exportações e o turismo possam ajudar à continuação da débil recuperação económica.

**ANTÓNIO COMPRIDO**

Secretário-geral da APETRO

Na minha opinião, 2015 será um ano de continuadas dificuldades, em Portugal como na Europa e no Mundo. No plano nacional, poder-se-ão antever algumas medidas mais "agradáveis" aos olhos da população em geral, motivadas pela aproximação das eleições legislativas. No entanto, estas não servirão para esconder as consequências de quatro anos de austeridade, de empobrecimento generalizado, de ausência de investimento público e de aumento das assimetrias sociais. Espero que vejamos alguns sinais de revitalização da economia, mas temo que estes fiquem aquém do desejável. Penso que nenhuma maioria absoluta de um só partido decorrerá das eleições, e julgo que será muito difícil a formação de um governo estável. Temo ainda que os partidos insistam em não atender à óbvia necessidade do país ter políticas definidas e assumidas como prioritárias e trans-partidárias, como por exemplo a de um investimento sólido e continuado na ciência e na investigação. No plano europeu, receio que os interesses financeiros se continuem a sobrepor aos interesses das populações, do que resultará uma estagnação social em favor do enriquecimento desproporcionado de alguns grupos económicos. As regras continuarão a ser ditadas pela Alemanha, com a imposição da austeridade aos países mais periféricos da Europa, como se tal fosse uma inevitabilidade. A nível mundial, continuaremos a assistir a conflitos gravíssimos provindos de questões territoriais, étnicas ou religiosas. No Médio Oriente, Israel continuará a sua ocupação ilegal da Palestina com o beneplácito político e o apoio económico e militar dos EUA. Enfim, à micro como à macro-escala, os poderosos continuarão a assegurar e a alargar o seu próprio poder, e os menos poderosos continuarão sujeitos aos interesses financeiros, económicos, políticos e territoriais dos primeiros.

**MIGUEL PRUDÊNCIO**

Cientista

Se evitarmos o risco associado às eleições legislativas e ao descontrolo orçamental normalmente associado às mesmas, 2015 será certamente melhor que 2014. O principal risco para a economia nacional são os partidos políticos.

**ANTÓNIO MIGUEL FERREIRA**
Director-geral Claranet Portugal

Antecipo uma evolução acima do que está previsto devido a políticas motivadas pelas eleições, o que, trazendo benefícios de curto prazo, vai adiar um conjunto de medidas ao nível da eficiência das instituições que, infelizmente, não foram tomadas ao nível necessário e que, com o cenário das eleições, dificilmente serão em 2015.

**JOSÉ BENCALEIRO**

Managing Partner da Stanton Chase

110 líderes antecipam 2015

A estagnação sobrevirá se a UE não investir, via BEI, em infra-estruturas, apelo maior nesta fase. O Plano Juncker, pelos montantes implicados no trimestre para que aponta (2015/17), é claramente insuficiente. É tal afectará irremediavelmente o crescimento. Com riscos de estagnação e deflação, à semelhança do que ocorre com o Japão, na sua já interminável crise.

**MÁRIO FROTA**

Presidente da APDC (Associação Portuguesa de Direito do Consumo)

O início do ano poderá ser relativamente calmo, aproveitando a "boleia" de bolsas em alta, "yields" em baixa e petróleo nos mínimos. A transferência de riqueza dos produtores de petróleo para os consumidores deve levar a um aumento de consumo ou folga orçamental destes últimos, ajudando o crescimento. Mas à medida que o ano for avançando, e as bolsas eventualmente tiverem dificuldades em manter ganhos, pode surgir um período complicado de instabilidade financeira - talvez após o Verão. A questão russa não terá desaparecido com a queda do rublo - o mundo continua perigoso. As decisões do BCE poderão ser bem recebidas no curto prazo, mas arriscam acentuar a falta de coesão na Europa. É difícil prever quando, mas a existência de uma nova crise da dívida na Europa parece-me inevitável. Para Portugal, deve ser tido em conta o risco da exposição de alguns agentes económicos a países exportadores de petróleo. Mas o maior risco poderá vir mesmo da União Europeia.

**FILIPE GARCIA**

Economista da IMF (Informação de Mercados Financeiros)



Nacional: Os acontecimentos relativamente recentes ao nível do grupo BES terão um impacto fortíssimo e ainda difícil de avaliar na economia.

Em caso de maior concentração bancária (Novo Banco assumido por algum dos principais bancos da praça actual), o reflexo na política de crédito consolidada será potencialmente perigosa para uma PME, tipo mediana. As eleições legislativas vão interromper o ímpeto das reformas: já tiveram o seu mais óbvio impacto no recuo da reforma do IRS, e, antes disso, no rasgar do acordo pelo Partido Socialista no que toca à reforma do IRC – um pacto de regime que se saudou pela certeza no longo prazo e que o PS deixou cair em poucos meses... O contexto político terá por certo muita influência nos índices de confiança dos investidores em 2015, que será um ano de prevista estagnação económica.

Internacional: a evolução do acesso e preço a fontes de energia petrolíferas será determinante, o que em muito contribuirá a evolução da situação do Estado Islâmico e do que isso envolve em termos de tabuleiro – notar que o Irão também se “aliou” à contra-ofensiva, ainda que negando estar a ajudar o Ocidente, mas tão somente a delimitar fronteiras. O custo do crude é determinante para a estabilidade da economia mundial, e mais ainda nos Oleo-estados como Angola e Venezuela, para nomear apenas os mais gritantes, onde as dificuldades são já óbvias e com imediatas repercussões na nossa economia. A evolução da paz política europeia, a nova comissão, a relação do Reino Unido com o envelope europeu e o cumprimento relativo das metas orçamentais, dominarão todos os outros temas, porque é desta harmonia ou do seu contrário que, em cascata, tudo o resto se desenrolará.



ANDRÉ VIEIRA DE CASTRO

Presidente da Argacol – Tintas e Vernizes
e presidente da BIC Minho

2015 será um ano marcado pela desagregação da UE com a eventual saída do Reino Unido o que desequilibrará a balança a favor da centralidade alemã ainda mais. Por outro lado, o crescimento na UE do populismo de esquerda e direita com as suas implicações no posicionamento dos partidos do arco do poder, levando a uma mais que esperada “momentânea abstracção” ideológica! O ano será marcado também pelos efeitos políticos da queda vertiginosa dos preços do petróleo em economias lideradas por governos autoritários com consequências ainda não devidamente estudadas. Finalmente, a questão da insegurança a nível mundial com o crescendo da Jihad a que o mundo ocidental e sobretudo a Europa não têm capacidade de resposta para além da política! Enfim, um cenário sombrio para o ano que começa o que, para um optimista nato como é o meu caso, gera expectativas negativas qh... para a manutenção de um crescimento económico mediocre a nível internacional, com reflexos notórios na nossa débil economia. Apesar de tudo, votos de um melhor 2015!!



LUÍS VEIGA

Administrador do grupo IMB e presidente do conselho geral da AHP

Um ano ainda em recuperação mas com um crescimento económico mais robusto, com a economia a dar mais sinais de vitalidade.



LUÍS CORTES MARTINS

Advogado, sócio da Serra Lopes,
Cortes Martins

O facto mais marcante, a nível global, que condicionará a economia no primeiro semestre será a descida do preço do petróleo. Esta poderá resultar em instabilidade financeira na Rússia, Angola e Venezuela, com eventuais repercussões globais.

Por outro lado, também condicionará o crescimento das exportações portuguesas para mercados fora da UE. Ao nível interno, a já referida descida dos preços do petróleo, e os fundos do novo quadro comunitário de apoio, abrirão a possibilidade do crescimento da procura interna ser superior ao previsto, com reflexos positivos no emprego e rendimentos, mantendo o equilíbrio com o exterior. O principal risco da economia portuguesa estará essencialmente ligado à questão do financiamento, seja porque o sistema financeiro nacional ainda não recuperou da turbulência dos últimos anos, seja porque os elevados níveis de dívida pública exigem uma confiança adicional dos mercados financeiros no Estado português, só possível com o apoio inequívoco do BCE.



JOÃO CEREJEIRA

Vice-presidente da Escola de Economia e Gestão da Universidade do Minho

Ano muito difícil para a Europa pois o BCE está a esgotar as munições e a política monetária não pode sozinha resolver o problema europeu. Ano muito turbulento para Portugal, em cenário de campanha eleitoral, com o governo a falhar a meta do défice público. EUA a continuarem a recuperação económica, ajudada pela revolução energética, sendo assim o único motor da economia mundial em 2015 num cenário de estagnação europeia e desaceleração da economia chinesa.



LUÍS MIRA AMARAL

Presidente do BIC Portugal

Internacionalmente, 2015 é um ano de incertezas e de transição. De incertezas por questões relacionadas com a deflação e com o petróleo. De transição para uma maior integração europeia baseadas em novas políticas comuns.

Em Portugal, 2015 continuará a ser mais um ano à procura de um rumo estratégico com enfoque na liderança, nas dificuldades orçamentais e na contínua saída de quadros qualificados.



ISABEL JONET

Presidente do Banco Alimentar



JOÃO PEQUITO

Director-geral e sócio da tecnológica PSE



A nível nacional, 2015 será um ano de mudanças decisivas, em que Portugal terá de provar, interna e externamente, que conseguiu superar os desafios sociais e de sustentabilidade económica e recomeçar um caminho de crescimento. A nível de empresa, acreditamos que vai ser um ano muito positivo. Terminámos 2014 com a aquisição do Hospital de São Gonçalo, em Lagos, o que significa para nós uma diversificação de áreas de negócio e uma aposta forte no crescimento do grupo. Estamos também a crescer noutros mercados externos, e a reforçar a nossa rede de presença nacional. Estamos solidamente no mercado há três gerações, e continuamos a ser uma empresa com capitais 100% portugueses e familiares. Em contra-ciclo, acreditamos que vale a pena investir em Portugal.



ANTÓNIO CHAVES COSTA
CEO do Grupo Tecnifar

No âmbito das políticas de coesão definidas no Programa Comunitário Portugal 2020, encontram-se orçamentadas verbas muito significativas para aumentar a competitividade das PME – 4.541 milhões de euros – para a investigação, desenvolvimento tecnológico e inovação – 2.248 milhões – e para o ensino e aprendizagem ao longo da vida – 4.335 milhões –, que terão, obrigatoriamente, de originar um aumento sustentável de criação de riqueza para todos os portugueses. Porém, e numa altura em que o nosso País já possui excelentes instituições académicas e científicas, associações de 'business angels', estruturas tecnológicas de acolhimento, agências e estruturas de dinamização, operadores independentes, institucionais e 'family offices', algumas grandes empresas, fundações e 'corporate ventures' – ou seja precisamente os actores que irão ter um papel decisivo no sucesso ou insucesso na implementação das citadas verbas –, torna-se imperioso que passe a existir uma complementaridade entre estes diversos actores, ao nível do planeamento das acções, dos investimentos e da actividade. Sabendo que cada um destes actores tem uma vocação muito própria, funciona de forma isolada e quase sem interligação entre si, torna-se decisivo que a coordenação global do Ecosistema Empreendedor seja assumida como um verdadeiro desígnio nacional sob pena de serem postas em causa a eficácia das Prioridades de Política Pública que suportaram a concepção do citado programa e consequentemente as verbas que nos foram atribuídas pela Comissão Europeia. Em face do exposto quero acreditar que, desde o início de 2015, o Governo irá ter a capacidade de não se limitar à regulamentação dos diversos programas, que a cada actor caberá depois executar, mas que se irá envolver nos processos de planeamento e desenvolvimento do Ecosistema Empreendedor, nomeadamente na identificação dos objectivos que terão de ser atingidos por via dos aludidos programas. E para que tal aconteça estou convicto de que não se esquecerá de ter presente que uma maior competitividade do Ecosistema Empreendedor Nacional passa pela criação de incentivos para que os diversos actores se empenhem em criar e desenvolver novos negócios que só poderão ser uma realidade se os respectivos actores conseguirem, por sua vez, aumentar a massa crítica de empreendedores qualificados.



FRANCISCO BANHA
Presidente da FNABA

Acreditamos que a actividade em 2015 seja muito semelhante à de 2014 em que o factor preço, na generalidade dos sectores de actividade económica, manterá um peso crescente no processo de decisão de consumidores e de investidores em Portugal.



PEDRO MATA
Director de Comunicação e Marketing da FNAC

Em nossa opinião, é possível que se venham a verificar melhorias significativas, designadamente em resultado dos sinais de recuperação interna que se têm verificado ultimamente, os quais deixam antever um ano de 2015 mais encorajador do que o ano que agora termina.

PEDRO FERREIRA PINTO
Presidente do grupo Parpública

110 líderes antecipam 2015

No sector das energias renováveis, com maior incidência no solar fotovoltaico, no qual a Ikaros-Hemera actua, prevejo em Portugal um crescimento da procura por parte de empresas com grande consumo energético, uma vez que a nova legislação de auto-consumo vai permitir que estas empresas substituam parte da energia que compram à rede por produção própria, beneficiando de níveis de poupança energética significativos. Para tal é muito importante que haja em Portugal em 2015 uma tendência de crescimento da economia, embora que ainda ligeira, que haja um aumento do financiamento bancário à actividade económica nacional e que a confiança dos agentes seja cada vez mais efectiva. Estou em crer que finalmente poderemos beneficiar de forma efectiva do recurso Sol, que Portugal tem em tanta abundância. Em termos internacionais é de esperar um aumento cada vez maior da importância de países como os EUA, China e Índia, no sector solar fotovoltaico que deverá continuar o seu forte ritmo de crescimento em 2015.



DUARTE CARO DE SOUSA
Director-geral da Ikaros-Hemera

Temos tido uma "Economia Dorian Gray". A corrupção vai continuar a correr a sociedade e a economia, mas até há pouco tempo isso não era visível. Novos escândalos terão de vir à praça pública, mas têm de ser retirados à força do armário onde os esqueletos têm sido escondidos. A fraude, a distorção e o elitismo oco sem mérito têm de ser metidos no sítio certo: no balde do lixo dos factores hipócritas que atrasam o país acusando as pessoas, os direitos e o Estado de serem as fontes de todos os males.



SANDRO MENDONÇA
Economista

Vai ser um ano difícil, no seguimento dos anteriores. As empresas portuguesas, e em particular a Gema, devem manter o foco na exportação/internacionalização, diversificando quando possível o risco e os mercados de actuação.



LUÍS AGRELLOS
Fundador e Managing Partner GEMA